



Práticas socioculturais em Uruguiana-Libres: marcas da integração no espaço binacional¹

Karla M. Müller²

Vera L. S. Raddatz³

Resumo

As práticas socioculturais, entendidas como processos sociais, ao serem analisadas, muito nos dizem a respeito de um determinado grupo. As ações, a linguagem, os dizeres e os fazeres, o comportamento, os hábitos e atitudes, a formulação de conceitos e valores, são indicativos para identificar um grupo, diferenciando-o dos demais. Os espaços de fronteiras nacionais são ricos em elementos constitutivos de uma cultura local, construída e sustentada pelos sujeitos e reforçada pelas instituições inseridas neste meio. O objetivo deste paper é verificar, a partir das falas do homem do lugar, como algumas práticas socioculturais dos indivíduos que habitam a linha divisória - compreendida entre o Brasil, em Uruguiana e a Argentina, em Paso de Los Libres – passam a constituir uma cultura fronteiriça. Tais práticas se fazem presentes na mídia local (impressa e sonora), fazendo com que esta participe da formação de uma cultura que contribui para a sedimentação de um processo integracionista de fato. O destaque fica por conta de depoimentos coletados com multiplicadores de informação, pessoas representativas de instituições locais, que exercem influência em grupos que compõem a sociedade fronteiriça formada prioritariamente por brasileiros e argentinos. A partir dos movimentos realizados pelo homem do lugar torna-se possível o trânsito constante de pessoas, bens simbólicos e materiais. Os veículos selecionados para comprovar a presença destas práticas na mídia local e a participação dela no processo são O Jornal de Uruguiana e a Rádio Charrua AM, ambos sediados na cidade fronteiriça do lado brasileiro.

Palavras-chave: mídia local, cultura fronteiriça, integração latino-americana.

¹ O texto traz resultados parciais da pesquisa 'Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças', em desenvolvimento junto ao PPGCOM/ UFRGS, coordenada por Karla M. Müller e faz parte do projeto Comunicação e Práticas Socioculturais no Mercosul, desenvolvido junto ao CAMI/ AUGM, coordenado pelos professores Karla M. Müller (UFRGS), Eduardo A. Vizer (UBA) e Miguel A. Haiquel (UNC).

² Jornalista, Relações Públicas, Dra. em Ciências da Comunicação, Profa. e Pesquisadora do PPGCOM/ UFRGS; Editora da revista eletrônica INTEXTO www.intexto.ufrgs.br; Representante da UFRGS no Comitê Acadêmico Mercosul Integração(CAMI) - Associação das Universidades Grupo Montevideu (AUGM). Membro da Diretoria da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e do Instituto de Comunicação, Cultura, Educação e Formação Política Alberto André (IAA) - ARI; Colaboradora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins / Projeto Fronteiras Culturais. E-mail: kmmuller@orion.ufrgs.br

³ Radialista, Profa. do Curso de Comunicação Social da UNIJUÍ; doutoranda do PPGCOM/ UFRGS; Integrante do Comitê de Ética e Pesquisa da Unijuí; Membro da Comissão Editorial da Revista Formas e Linguagens da Unijuí; E-mail: verar@unijui.edu.br



Resúmen

Las prácticas socioculturales, entendidas como procesos sociales, al ser analizadas nos dicen mucho sobre determinado grupo. Las acciones, el lenguaje, los decires, y los haceres, el comportamiento, los hábitos y actitudes, la formulación de conceptos y valores, son indicativos para identificar un grupo, diferenciándolo de los demás. Los espacios de fronteras nacionales son ricos en elementos constitutivos de una cultura local, construida y sustentada por los sujetos y reforzada por las instituciones insertas en ese medio. El objetivo de este trabajo es verificar, a partir de las hablas del hombre del lugar, como algunas prácticas socioculturales de los individuos que habitan la línea divisoria - comprendida entre Brasil, en Uruguayana, y la Argentina en Paso de los Libres –pasan a constituir una cultura fronteriza. Tales prácticas se hacen presentes en los medios locales (impresos y sonoros), haciendo que los medios participen de la formación de una cultura que contribuye para la sedimentación de un proceso integracionista de hecho. Lo destacado se queda por cuenta de declaraciones colectadas con multiplicadores de información, personas representativas de instituciones locales que ejercen influencia en grupos que componen la sociedad fronteriza formada prioritariamente por brasileños y argentinos. A partir de los movimientos realizados por el lugareño se torna posible el tránsito constante de personas, bienes simbólicos y materiales. Los “vehículos” seleccionados para comprobar la presencia de estas prácticas en los medios locales y la participación de éstos son O jornal de Uruguaiana, y Radio Charrua AM, ambos con sede en la ciudad fronteriza del lado brasileño.

Palabras clave: medio local, cultura fronteriza, integración latinoamericana.

Fronteiras culturais e cultura fronteiriça

O termo fronteira deriva do latim *fronteria* ou *frontaria*, que significa a parte do território que fica *in fronte*, nas margens. Esta noção contém séculos de história, pois as sociedades constituíram-se em diferentes continentes por meio de descobertas, lutas, conflitos e metas de desenvolvimento, geralmente definidas em torno de um determinado território. Desse ponto de vista, os homens se organizaram em sociedade a partir das fronteiras geopolíticas, às vezes contendo impulsos, outras, deixando-se levar pelo instinto de conquistar o desconhecido e a riqueza. Muitas fronteiras foram ultrapassadas, acordos de paz quebrados para garantir a posse sobre o que estava logo ali, mas impunha limite.



De linha divisória e invisível, a idéia de fronteira suscitou também o imaginário coletivo, onde residem mitos e lendas, fantasia e realidade. Ultrapassar a fronteira pode ser atraente, mas perigoso. Se um território era tomado, para marcar a posse fazia-se necessário manter as armas, a vigilância e a força, na medida em que era difundida a idéia de que o outro, o vizinho, era inimigo e perigoso. Ao acreditar nisso, inibia-se a vontade de ir adiante, de pisar no outro território. Com o desenvolvimento das comunicações e a globalização, as sociedades foram aprendendo a se conhecer melhor. As novas tecnologias – e com elas a globalização - mexeram com o conceito de fronteira e espaço. Da idéia de fronteira-território temos mais presente as fronteiras culturais que incluem as práticas socioculturais que perpassam todas as relações e campos sociais. Quando falamos em sociedade contemporânea a questão cultural aparece sempre como um elemento essencial.

Para García Canclini (2003), as culturas hoje são consideradas de fronteiras, pois se desenvolvem em relação a outras, desprendendo-se da relação exclusiva com um território, ganhando no intercâmbio, nas permutas. As trocas se dão exatamente na interação entre comunidades a partir de suas práticas, carregadas de elementos distintos e presentes no modo de agir, de pensar e expressar, representar e atuar, atribuindo características específicas a determinados grupos sociais.

Diante dessas reflexões acerca da cultura e da fronteira é importante ressaltar a relação destas com a identidade: “Nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.” (HALL, 1997, p. 26).

Se formos levar em conta os movimentos históricos e as fronteiras brasileiras, em especial as riograndenses com os países vizinhos do Prata, podemos dizer que aqui temos fronteiras moventes (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2003), zigue-zaguedas a partir e conforme as (manifesta)ções estabelecidas pelos fronteiriços da região.

No caso da cultura fronteiriça, George Yúdice diz que cultura fronteiriça tem a particularidade com o local, por isso, “suscetível de apropriação pela ubiqüidade ou cruzamento de fronteiras do capital e dos artistas transnacionais” (2004, p. 341). Ele vê uma ligação direta da economia com a cultura nas regiões da fronteira e a apropriação, a que ele se refere, ainda revela fortes influências do país mais forte economicamente em relação ao outro. Ou seja, as trocas ocorrem e são inevitáveis, mas na maioria das vezes de modo assimétrico. Se por um lado, com a globalização, as pessoas viajam, as idéias viajam e os



fenômenos culturais cada vez viajam mais, possibilitando os intercâmbios, por outro, nos espaços fronteiriços, as trocas se dão sem a necessidade deste deslocamento espacial, efetivando-se naquele espaço através das práticas. E neste sentido:

O embaralhamento das fronteiras, em vez de fazer o sentido de nacionalidade diminuir, o faz crescer. Há uma série de conflitos étnicos e nacionais que mostram como o território continua sendo uma força mobilizadora de sentimentos internos. A criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estão desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o local mais importante do que nunca. (OLIVEN, 2006, p. 206).

A chegada do livro, do jornal, do rádio e da televisão produziu uma mudança radical na forma de olhar o outro. O sentido de proibido, deu lugar à curiosidade e mais recentemente ainda ao desejo, não de conquistar o território, mas de olhá-lo, descobri-lo, conhecê-lo com profundidade, quase se sentindo parte dele. Desse modo, a mídia da fronteira, como o jornal e o rádio, aparecem como veículos que não têm apenas a função de informar, divertir e educar, pois invariavelmente, por estarem integrados a um contexto de cultura de fronteira, acabam sendo porta-vozes das práticas sociais da fronteira: mostram o outro, provocando, ao mesmo tempo, um movimento reflexivo de valorização e auto-conhecimento.

Práticas culturais fronteiriças

A língua, considerada um dos patrimônios culturais de um povo e referência de identidade nacional, na região de fronteira, reveste-se de outras características, pois os idiomas se misturam, expressões novas despontam para serem entendidas muitas vezes somente naquele contexto. É interessante verificar como se dá essa relação lingüística e o processo de comunicação interpessoal nesse espaço. Falantes de línguas diferentes, mesmo sem falar o idioma do outro, aprendem a compreendê-lo. Geralmente não o falam, retiram dele palavras e expressões, adaptam-nas para a sua língua e o seu cotidiano e fazem fluir a comunicação diária. E isso se repete dos dois lados da fronteira, produzindo trocas, vendas, negociações, amizades e até uniões conjugais⁴. Assim, por um lado, uma das formas que possibilita a integração e esse relacionamento tão estreito entre povos de nações diferentes é o elemento lingüístico; por outro, se colocar esse mesmo elemento no âmbito dos veículos de

⁴ Reflexões sobre este tema estão presentes no texto de Karla Müller, Vera Gerzson e Bianca Efrom a ser apresentado no I Congresso da ABRAPCORP, a realizar-se em maio de 2007 na USP, que destaca as conversações que ocorrem no espaço Livramento-Rivera, em instituições como a ACM/ ACJ Fronteira, estabelecidas em duas línguas sem que haja necessidade de um ‘tradutor’.



comunicação, aparece uma faceta positiva e outra, aonde a língua se manifesta como uma dificuldade, um obstáculo.

Pensemos no rádio e no jornal. O tempo para decodificação de uma mensagem no rádio é um e no impresso, é outro, isto é, o jornal impresso permite que o leitor volte ao texto repetidas vezes, enquanto a instantaneidade do rádio conta apenas com a voz naquele exato segundo em que a mensagem está sendo veiculada. Portanto, um processo simples de comunicação que acontece na convivência cotidiana, quando é transferido para os veículos de comunicação ganha outra dimensão, porque nesse processo de transferência desaparecem alguns dos códigos comuns de comunicação para entrar em cena outros. Os códigos que permanecem no rádio podem ser percebidos quando há situações de entrevistas pessoais, enquetes, coberturas ao vivo, participação do ouvinte pelo telefone. Já no impresso, aparecem esses elementos em reportagens especiais, colunas assinadas e páginas dedicadas a informações sobre as relações com o país dos *hermanos*, como se diz no sul do Brasil. Entretanto, o que mais aparece na linguagem dos veículos é a noção de código lingüístico próprio: o que predomina é a língua padrão do país de origem. A comunicação dos veículos tem como norma a língua padrão, mas o rádio e o jornal de fronteira não deixam de abastecer-se de outros elementos lingüísticos característicos do espaço de fronteira, valorizando as marcas do lugar.

No que diz respeito às práticas socioculturais que aparecem na programação do rádio de fronteira, a primeira característica que se manifesta é a questão lingüística, que vem reforçada também pela música. Na fronteira Brasil-Argentina, observamos a Rádio Charrua AM, de Uruguaiana, a emissora AM pioneira na região. O que se verifica no rádio é que o veículo de comunicação reproduz essas marcas por meio de sua programação, difundindo em todo o território de seu alcance aquilo que constitui as práticas culturais do espaço físico em que está inserido. Na Charrua é muito comum o locutor conversar em espanhol com algum participante da programação e isso não exige tradução, pois os ouvintes estão familiarizados com o idioma. O interessante dessa participação argentina na programação é a familiaridade com que é feita a conexão por telefone. Em clima de cordialidade, o locutor e o argentino conversam como se estivessem numa sala de visitas.

Na mídia impressa, estas marcas também se fazem presentes, mas de modo mais sutil. O Jornal de Uruguaiana deixa documentado em suas páginas o que a expressão escrita solicita: um pouco mais de rigor, de fidelidade à língua vigente nacionalmente. Mas mesmo assim, nos espaços de opinião, mais livres destas regras, os autores, colunistas, permitem assumir-se como homens da região, mesclando em seus textos (incluindo fotos e



ilustrações) expressões que demonstram qual é o seu lugar de fala, isto é, inserem-se no espaço, demonstrando a proximidade que têm na relação estabelecida com o outro, morador/leitor que vive do outro lado da linha divisória.

Fazer rádio e jornal na fronteira não é muito diferente que fazer rádio e jornal nos outros lugares. As dificuldades são as mesmas de todo o interior, porém, na fronteira há um aspecto diferenciado porque o rádio do lado brasileiro tem penetração no país vizinho e o jornal fica disponível nas bancas, possibilitando que qualquer transeunte interessado nas notícias locais, obtenha o periódico. Embora as fronteiras físicas dos países limítrofes estejam demarcadas, outras fronteiras como a língua e o desenvolvimento político, econômico e social constituem-se em fatores que, ao mesmo tempo, fazem a diferença e a identidade dos estados nacionais. Mas, pelas vozes presentes no rádio e no jornal fronteiriços – que, aparentemente não obedecem às demarcações geopolíticas - esses limites são ultrapassados e as diferenças, em boa parte, assimiladas.

Pelo rádio, de modo mais ágil do que pela mídia impressa, mas também influenciadas por esta, as idéias atingem outros territórios marcados por caracteres diferenciados no que diz respeito à cultura e à realidade. Como estas diferenças são visíveis e há também muitas semelhanças nesse contexto, o rádio funciona como elemento, primeiro, identificador dessas variáveis, e depois, como articulador de um processo em que se dão as práticas socioculturais da fronteira, muitas vezes fortalecidos pelos textos presentes nas páginas dos periódicos locais. Nos espaços fronteiriços aqui analisados, Brasil e Argentina não só se aproximam como se identificam pelas raízes culturais, concretizadas em elementos como a música, a poesia e a língua, entre outros. As diferenças que existem se dissipam ou são amenizadas pelas semelhanças.

E para constatar as práticas que definem os movimentos do homem da fronteira, ouvimos alguns multiplicadores de informação que nos dizem o que pensam sobre o espaço por eles habitado e sobre a condição de ser fronteiriço. A partir das suas falas é possível concluir como constroem e reproduzem o conceito que têm de fronteira e de fronteiriço e de que modo a mídia corrobora com esta sedimentação.

Sentir-se da fronteira

Através da aplicação da técnica de grupo focal, obtivemos informações que facilitaram a leitura sobre o que significa viver num espaço nacional marginal, próximo – mas muito próximo – de um povo que habita um outro território nacional, com língua, leis e regras peculiares. Em um trabalho coletivo realizado na cidade de Uruguaiana, foram

ouvidos professores, pastores, comunicadores, líderes comunitários que deixaram sua opinião sobre a vivência num espaço fronteiriço. São pessoas que transitam em ambos os lados da linha divisória e convivem com brasileiros e argentinos diariamente. A partir deste exercício investigativo, e com o objetivo de compreender o fenômeno fronteira, buscamos “perceber os aspectos valorativos e normativos que são referências de um grupo em particular” (COSTA, 2005, p. 181). Explorando a temática sobre as práticas socioculturais locais foi possível verificar nos depoimentos algumas marcas mais fortes que os identificam como fronteiriços e o espaço como fronteira. Sobre a língua e as trocas culturais entre ambos os lados destacamos alguns trechos que seguem⁵.

“Eu cheguei aqui em Uruguaiana com quatorze anos, em 77. Os primeiros tempos tu notava a diferença, a começar pelo sotaque. Porque passado um ano, eu voltei prá fazer uma visita na minha terra e de longe eu já fui considerado da fronteira, porque eu já tinha adotado sotaque.”

“E a questão de algumas palavras muito presentes no nosso cotidiano, nosso dia leto, que são de influência espanhola.”

“Eu faço um trabalho pela Igreja, sou pastora (...) Eles entendem muito bem, não precisa pregar em espanhol (...), embora a gente se entenda mutuamente, algumas vezes a gente acaba falando, porque a gente fala, bem dizer, o portunhol.”

“Engraçado que nós não percebemos que temos sotaque.”

Como é possível constatar, a mescla na língua é uma prática muitas vezes consciente. O emprego de expressões que não fazem parte do vocabulário brasileiro dá destaque e mostra que quem vive na fronteira passa a adotar palavras que não são do português, que são do espanhol ou é uma mistura de ambos. Entretanto, muito além do uso da língua, há a percepção que as mesclas são culturais e se dão em várias frentes, muito além das expressões idiomáticas, mas demarcam a existência de mais de uma cultura nacional.

“E eu lembro da época de faculdade, que o professor dizia, a gente sempre se queixava dessa questão de rivalidade que existe entre Brasil e Argentina. (...) Então a gente dizia: ‘Professor, por que quando a gente vai lá na Argentina, em Passo de Los Libres, a gente tenta falar espanhol, mesmo que não consiga a gente arranha, prá se comunicar e eles não fazem um passo pra tentar falar o português?’ E

⁵ A transcrição das falas será fiel aos depoimentos coletados.

aí a gente entrou numa discussão, que é o que eu mais admiro no povo argentino, eles têm aquele amor pela pátria, eles têm aquela, garra.”

“Eu, por exemplo, fiz a primeira série no Uruguai e aqui no Brasil, então as palavras às vezes me confundem, às vezes eu tenho dificuldade de escrita, porque eu fui alfabetizada em duas línguas. Então isso aí é algo que prá mim, daqui de Uruguiana, é natural. Então, têm coisas que se confundem nas culturas, como a música, as roupas às vezes, e têm coisas que são acentuadamente diferentes. A linguagem, e a língua, e às vezes pertences, objetos, que a gente fala mesclado. Já não sabe mais qual é a raiz, se é portuguesa, se é espanhola. Então têm muitas coisas, que os familiares vieram trazendo, e a gente continua repetindo. E isso a gente não percebe porque nós nascemos aqui, na fronteira. Agora quando vêm outros eles já perguntam, dialetos, costumes. E nós achamos que não têm influência porque nós nascemos e vivemos aqui.”

Além da cultura, os fronteiriços atribuem ao comércio e a busca por produtos de consumo pessoal no outro lado (da ponte) como movimentos importantes que impulsionam as trocas e fortalecem o intercâmbio entre os habitantes do espaço.

“Eu vejo que todos os acontecimentos, desde o câmbio, até o comércio, e até a própria travessia da ponte, influenciam na vivência, tanto em Uruguiana como em Passo de Los Libres. Porque, é como mesmo ele tava falando, há quinze, vinte anos atrás, talvez mais, eu lembro que minha avó fazia, denominava, naquela época ‘chibeira’. Porque era o termo que se usava quando a pessoa cruzava a ponte e ia trazer as compras de lá. Então até o próprio comércio influencia na nossa linguagem no dia-a-dia.”

“Eu vejo que existem contradições nessa relação, porque a gente cresce com a cultura dos países vizinhos, mas no convívio informal. Nesse ir e vir. Na questão econômica, e até pelo próprio sistema econômico, as nossas relações são comerciais.”

Ao mesmo tempo, nos depoimentos coletados, fica visível a compreensão que os participantes da entrevista coletiva têm das suas diferenças. E estas diferenças são vistas a partir do território, na relação com os habitantes de outros espaços fronteiriços ou até mesmo do argentino que mora do outro lado da ponte com outros membros de sua nação, no caso os portenhos.



“Quem mora aqui uma vida inteira, é muito sutil mesmo. Mas pra quem chega, quem tá de visita (...) eles ficam maravilhados com isso. Eles olham e vêem que tem a possibilidade de tu assimilares costumes que não são teus. E com uma facilidade muito grande, porque tá logo ali. Aqui talvez nem tanto, em função da ponte. Mas já em Rivera, que é uma coisa que tá ali, no meio da cidade, não tem como, né, uma coisa só. Então pra mim, eu encaro isso como uma forma de aprendizado, porque sempre tá aprendendo coisas novas.”

“Se tu for situar em marcos geográficos, tu vai ver que a fronteira não ultrapassa os limites das cidades (...) Até pelo fator linguagem. Tu vai ver que o espanhol da fronteira aqui, tu entende, quem vive entende, mas se tu pegar o espanhol de Buenos Aires, tu já vai ver que tu não entende. (...) Acredito que o espaço de fronteira não passa muito pra outras cidades. São Gabriel também faz parte da fronteira oeste, acho que os limites das fronteiras estão dentro das cidades. Está aqui, São Borja, São Tomé, Uruguaiana. Cidades que estão de frente, uma pra outra.”

Nas relações interpessoais e nas trocas que ocorrem naturalmente, a valorização do esforço empreendido pelo fronteiriço são citados como de importância. Ao institucionalizarem a interação, através dos casamentos ou de projetos educacionais, os intercâmbios socioculturais se solidificam.

“O que acho dificuldade é de aprofundar relações culturais, educação, por exemplo. Se não fosse o Projeto Fronteiras, que é das escolas bilíngües, não teria essa relação um pouco mais aprofundada das escolas daqui irem fazer experiências lá, e as escolas de lá fazerem aqui, né. Então eu acho que isso aí são as contradições da gente viver num país lado a lado e não aprofundar essas relações, tanto culturais, políticas (...).”

“Eu vejo esse convívio com outras culturas, há muitos casais, que eu acho um ponto positivo. Há argentinos casados com brasileiros, brasileiros casados com argentinos. Há quem resida aqui, e estude lá em Passo de Los Libres. E há quem resida lá e estude aqui também. Eu vejo que essa necessidade de aproximar, alternativas e políticas públicas e ações de aproximação entre essas culturas. Mas não é uma questão de cultura superior ou inferior, elas são apenas diferentes. O legal que eu vejo é essa riqueza cultural que a gente poderia

aprofundar mais as relações a partir daí. E não olhar o Mercosul só no campo comercial. Precisamos avançar mais. O Mercosul também é um aspecto cultural.”

Se por um lado os depoimentos vão no sentido de demonstrar o que é feito pelo habitante local para tornar viável – e agradável – a vida na fronteira, por outro há um reclame para que o espaço e a população que o ocupa – e o cria e transforma cotidianamente – seja vista com mais generosidade.

“Eu penso que ser fronteiriço sim, mas a nossa luta é prá não termos fronteiras, fronteiras culturais, como econômicas. Essa é a luta do fronteiriço, prá não ter fronteira. (...) que a gente possa fortalecer e estreitar essas relações em todas as áreas, essa é a luta do fronteiriço.”

“E o ponto positivo pra mim é justamente essa integração das culturas.”

A partir dos exemplos aqui expostos podemos dizer que as formas de ver e viver o fenômeno fronteira é bastante peculiar para os sujeitos de que delem fazem parte pois: “*Los temas y los relatos – colectivos, institucionales, familiares o personales – se manifiestan como universos de sentido en los cuales nos reconocemos como identidad, como sujetos y oicos en una realidad dentro de la cual podemos hacer-construir sentido*” (VIZER, 2003, p. 165).

A presença da integração na mídia local

Mesmo que empregando poucos vocábulos utilizados na língua do país vizinho, torna-se inevitável que os meios de comunicação incluam em seus textos expressões que demonstram a mescla cultural entre os povos que habitam os dois lados da linha divisória. Como já observamos em estudos anteriores (que temos desenvolvido desde o final dos anos 90), a mídia produzida nos espaços de fronteira acaba acionando a estratégia de naturalizar as línguas mais faladas na região, marcas culturais do local. Ao apresentarem textos em português e espanhol (ou castelhano, como chamam o idioma os habitantes fronteiriços, ou mesclar as duas num portunhol). Esta prática, de modo geral, passa a ser aceita pelos leitores e radio-ouvintes dos espaços fronteiriços. Ou seja, há a aceitação desta prática, até porque ela é usualmente empregada nas falas da população fronteiriça.

Nas edições de O Jornal de Uruguaiana⁶, o mais antigo em circulação na cidade, a segunda página destina uma coluna para notas cuja denominação é *Sueltos*. Em uma destas notas - “Ponte Mui Amiga” (O Jornal de Uruguaiana, 29/ dez/ 2004, p. 2), o periódico critica o procedimento de profissionais da RBS-TV que, em um programa televisivo, confundiram a denominação da ponte que liga Uruguaiana a Libre (Ponte Internacional Agustín Justo/ Getúlio Vargas) com a ‘Ponte da Amizade’ (que liga o Brasil com o Paraguai, em Foz do Iguaçu). Em outra coluna (O Jornal de Uruguaiana. 01/dez/2004, p. 11), em uma nota, intitulada “Fronteira Livre”, a crítica é dirigida às barreiras comerciais impostas aos moradores locais que transitam pela Ponte Internacional, e diz: “Atualmente, não se pode comprar um quilo de carne, nem uma maçã do lado de lá. Aqui eles não podem comprar um *pollo* e nem produtos vegetais ou animais.”.

Na página 24 de O Jornal de Uruguaiana (08/set/2004) o colunista reproduz um diálogo presenciado por ele dias atrás e trechos de uma música e de um texto em espanhol. Desta forma, o colunista se permite (e o leitor aceita) escrever no espaço que o jornal lhe concede, um texto que mescla as duas línguas: “O argentino, todavia, nada entendia e perguntou: *Que se pasa?* Ao que o meu amigo respondeu: *Que se pasa yo nada se...*”. Outro exemplo, da presença de marcas lingüísticas nas práticas socioculturais dos fronteiriços, diz respeito à vivência campeira e gauchesca, muito semelhante em ambos os países que fazem divisa naquele espaço. E estas marcas estão presentes também nas letras das canções como é o caso da canção vencedora da 33ª edição da Califórnia da Canção Nativa, intitulada *Muchas gracias*, como relata o jornal (O Jornal de Uruguaiana, 08/dez/2004, contracapa).

Mesmo que na maioria das vezes as expressões em espanhol venham grifadas, verifica-se que esta estratégia é empregada com frequência nas páginas do periódico, reforçando, através da presença destas marcas nos textos, as práticas socioculturais corriqueiras no espaço fronteiriço.

Na programação da Rádio Charrua de Uruguaiana, podemos notar a força com que a idéia da linguagem da fronteira incorpora-se na rotina de um locutor-apresentador da emissora⁷. Édson Rebés, apresentador do programa Desenvolvimento e Cidadania em 12/11/2006 utiliza-se da expressão “Que bárbaro rapaz!”. O termo rapaz é muito comum na fronteira para denominar o sexo masculino, independente da idade, o que difere das demais

⁶ Coleta realizada em 2004. Este material faz parte do *corpus* de análise da pesquisa ‘Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças’.

⁷ Coleta realizada em 2007. Este material constitui-se em exercício analítico da tese que está sendo desenvolvida por Vera L. S. Raddatz, junto ao PPGCOM/ UFRGS, denominada ‘As representações das práticas culturais no rádio da fronteira’.



regiões; por sua vez e de modo geral, a expressão *bárbaro* é bem mais empregada pelos argentinos do que pelos brasileiros. No mesmo programa, que teve como tema a questão da indústria do vinho em Uruguaiana, observa-se que todas as referências à cultura do vinho foram buscadas no país vizinho – a Argentina – e no Chile, o que demonstra os fortes laços não só econômicos, mas também culturais com esses países. A facilidade de compreender o idioma espanhol para uma visita de nível técnico para conhecer os sistemas de fabricação do vinho argentino e chileno foi um fator importante para determinar essa escolha e ao mesmo tempo fortalecer tais relações. O econômico e o cultural não andam separados. Isto se pode perceber também no programa, quando Rebés questiona: “Eu fui informado de que vocês estiveram em Mendoza, que é a capital do vinho (...) e do que vocês trouxeram, o que foi enriquecedor nesta experiência? A partir dessa experiência é que a gente vai implementar tudo aqui em Uruguaiana?”

As mesmas questões de fronteira que envolvem língua e economia pontuam também o programa Desenvolvimento e Cidadania, sobre a CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas, do dia 05/11/2006, quando o entrevistado, presidente da CDL, Jorge Lopes, remete-se às dificuldades do comércio: “O Paulo (referindo-se ao colega de CDL) sempre comenta: ‘desta sanga não passa’; só que a sanga está mais longa, *larga*”. Estas expressões são coloquiais na fronteira e fazem referência tanto ao rio Uruguai que divide Uruguaiana e Libres, quanto aos obstáculos que aqueles que moram na região precisam enfrentar em decorrência do comércio. Vale destacar que a expressão *larga* em espanhol significa amplitude longitudinal, denominada em português por longa.

Em outro programa de Édson Rebes, pela Charrua, o ‘Conversas de Sábado’, de 07/10/2005, que tratou sobre a síndrome plurimetabólica, o médico César Rodrigues deixou escapar a influência da língua dos *hermanos* argentinos em sua fala: “O Dr. Luis Alberto ressaltou uma coisa que aprendi agora no Congresso sobre a síndrome plurimetabólica e olhando para *nosotros*, né, a gordura que na verdade eles falaram é a gordura que está abaixo da parede abdominal”. A palavra *nosotros* está tão incorporada à cultura local que tanto serve para identificar a 2ª pessoa do singular em Uruguaiana ou na Argentina e é perfeitamente aceitável em qualquer contexto, seja ele midiático ou não.

Em outro programa Conversas de Sábado (03/09/2005), sobre a questão da segurança, o apresentador Rebés usa duas expressões – ‘chula’ e ‘xurumela’ - que fazem parte do vocabulário da fronteira e é reconhecido tanto no lado brasileiro como argentino com a mesma conotação, pelas raízes socioculturais de ambos: “Às vezes eu ouvia no rádio aquela expressão meio ‘chula’, desculpe a expressão meio chula também, aquela ‘xurumela’, que



fulano brigou com cicrano e pererê pererê...’⁸. Tanto apresentador, quanto ouvinte utilizam-se de expressões recorrentes na fronteira durante a programação, de modo a demonstrar que a linguagem também representa as práticas socioculturais ali construídas e fortalecidas. Por telefone, o ouvinte Roberto Ferreira, participa: “Eu até nem sei mais o que perguntar, porque eles deram um banho: deram ‘carta de pé e jogaram de mão’.”. Esta expressão típica da região da fronteira refere-se aos jogos de baralho, como o de truco⁹, por exemplo, que se joga até em pé no meio da rua, tanto no Brasil quanto na Argentina.

Nos exemplos colocados acima, percebe-se entrecruzamento de vários campos que abrigam as práticas constitutivas do tecido social. Como ficou destacado nos depoimentos concedidos pelos fronteiriços, a presença de um caldo cultural complexo não se faz presente apenas no uso de expressões que pertencem a um linguajar bem próprio do lugar. As marcas da integração também comparecem no modo discriminado com que o fronteiriço é tratado, nas letras das músicas, nas trocas comerciais (indispensáveis para garantir a sobrevivência do homem da região, distante dos grandes centros urbanos, nos quais estão sediados os poderes regionais e nacionais), nas referências ao jogo de truco etc.

Considerações finais

A mídia da fronteira funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes das crises, conflitos e necessidades que se criam no dia-a-dia de vizinhança. O rádio de fronteira é a antena capaz de captar esses fluidos e energias que estão no ar e transformá-los não apenas em notícia, mas em voz; o jornal impresso transforma-se em documento, registrando em suas páginas as práticas socioculturais colocadas em curso pelos habitantes locais.

A realidade da fronteira é única. Ao mesmo tempo em que o rádio precisa dar conta dos fatos dentro de um contexto de nação, precisa se desdobrar dentro de sua natural dinamicidade para ser eficiente enquanto meio de comunicação que reconhece o seu alcance dentro de um espaço físico que não diz respeito apenas ao seu país de origem. Nesse aspecto o rádio de fronteira trabalha sob uma ótica que concebe o fazer rádio como um exercício de reconhecimento das práticas culturais e sociais que permeiam a realidade de países separados

⁸ Chula é um termo relacionado à dança gaúcha com canto e sapateado ao redor de uma lança fincada no chão; no contexto acima quer dizer expressão grotesca, simples, rude... utilizada tanto no lado brasileiro quanto no argentino. É um vocabulário gauchesco e regional. Xurumela, no mesmo contexto, quer dizer choradeira, lamentações etc.

⁹ Truco é um jogo de cartas que pode ser jogado por 2, 3, 4 ou 6 pessoas. Existem diversas variações, como Truco Cego ou Truco Espanhol (popular no sul do Brasil, na Argentina e no Uruguai. Em geral, é uma disputa de três rodadas ("melhor de três") para ver quem tem as cartas mais "fortes" (de valor simbólico mais alto).



por uma faixa geográfica, mas tão próximos pela rotina e experiências de sua população. O jornal impresso, mesmo que quisesse não poderia resistir às marcas do outro no espaço local, e estes sinais concretizam-se não só nas palavras e nas imagens que ilustram as páginas, mas também a partir de seus agentes, dos sujeitos trazidos à cena, dos acontecimentos e do próprio cenário, permeados de características demarcatórias de um espaço diferenciado, o de fronteiras nacionais.

Apesar das diferenças culturais e lingüísticas, que na região de fronteira tendem a ser amenizadas pela convivência e relações humanas, o rádio e o jornal de fronteira reproduzem possibilidades de vida, quase como uma resposta às angústias existenciais ou sociais. Através da língua, das imagens, da música e da informação, produz cultura ou propicia alternativas para sua manifestação. A mídia local é co-partícipe que, ao informar, transmite idéias e ideais de um todo diversificado. Dentro dessa cultura, por meio da comunicação, a realidade se fragmenta com a possibilidade sempre viva de transformação e nascimento do novo.

Os meios de comunicação fronteiriços incorporam os elementos fundamentais da vida cotidiana, como as relações sociais, os fatos do dia. Essas relações encontram nos meios de comunicação locais um espaço público para a sedimentação e se ampliam ainda mais, porque não estão apenas restritas ao plano pessoal. Ao mesmo tempo em que supõe e propicia a ligação entre os ouvintes e os leitores de nações vizinhas, o rádio e o jornal se apropriam das mensagens para também fortalecer sua função de meio de comunicação num espaço de domínio público. Pela língua, que não se constitui apenas de um sistema de signos que serve à comunicação, a mídia produz efeitos de sentido.

Assim como mudam os conceitos e as concepções das coisas, a cultura como elemento vivo constrói novos nuances. Por isso, nesse meio, o rádio e o jornal podem interagir como mediadores da construção de uma identidade coletiva da fronteira, considerando as particularidades e as similaridades desse contexto. Dentro dessa perspectiva, a mídia de fronteira pode estimular o desenvolvimento não apenas de uma unidade cultural e de um processo integracionista de fato, mas provocar a discussão sobre a realidade, o questionamento a respeito das relações existentes entre os hemisférios de fronteira para a redescoberta acerca dos valores dessas sociedades e de como elas interagem.

Referências

CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). **Pampa e cultura**: de Fierro a Netto. Porto Alegre: Ed. UFRGS/ IEL, 2004.



COSTA, Maria Eugênia B. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

HALL, Stuart (org). **Representation. Cultural Representation and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

MÜLLER, Karla M.; GERZSON, Vera R. S.; EFROM, Bianca. **Interconexões de fronteiras culturais: entre o local e o organizacional – ACM/ACJ Fronteira**. Texto enviado para III ENECULT que ocorrerá na UFBA, em maio de 2007.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural do Brasil-nação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

VIZER, Eduardo A. **La trama (in)visible de la vida social: comunicación, sentido y realidad**. Buenos Aires: La Crujía, 2003.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

Breve Currículo

Karla Maria Müller é relações públicas, jornalista e publicitária. Doutora em Ciências da Comunicação, Mestre em Comunicação Social, Especialista em Educação de Adultos. Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da



Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na qual é Coordenadora da Área de Relações Públicas, Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM). Editora da revista eletrônica Intexto (PPGCOM/ UFRGS). Representante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Comitê Acadêmico Mercosul e Integração/ Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (CAMI/AUGM). Coordenadora de Projetos de Ensino entre eles o Projeto Comunicação e Atendimento ao Cidadão da Prefeitura Municipal de Canoas através da Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAURGS). Coordenadora do Projeto Práticas Socioculturais no Mercosul (CAMI/AUGM). Autora e co-autora de artigos apresentados em Congressos, Seminários e Encontros técnico-científicos do Campo da Comunicação e áreas afins em nível nacional e internacional. Autora de capítulos de livros, entre eles: “Mídia e cultura fronteiriça nos espaços de Livramento-Rivera e Uruguaiana-Libres” (2006), “Espaços conurbados de fronteiras nacionais: leituras da mídia local” (2005), “Espaços de fronteiras nacionais: pólos de integração” (2005), “A presença árabe-palestina na mídia impressa fronteiriça” (2004), “Práticas comunicacionais em espaços de fronteiras: os casos do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguaí” (2002); co-autora do livro “*Hermanos, pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina*” (2004). Premiada como Professora Orientadora em eventos acadêmicos como o SET Universitário/ PUCRS e Prêmio EXPOCOM/ INTERCOM. Homenageada pelo Conselho Regional de Relações Públicas com “Profissionais que fazem e acontece: categoria acadêmica” (2005). Sócia-fundadora e membro da diretoria do Instituto de Comunicação, Cultura, Educação e Formação Política Alberto André (IAA). Membro da diretoria da Associação Riograndense de Imprensa (ARI). Colaboradora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins – Projeto Fronteiras Culturais.

E-mail: kmmuller@orion.ufrgs.br Site: www.midiaefronteira.com.br

Breve Currículo

Vera Lucia Spacil Raddatz é Mestre em Comunicação Social pela Umesp/SP e doutoranda do Programa de Pós-Graduação e Informação da UFRGS. É professora do Curso de Comunicação Social da Unijuí com ênfase na área de Radiojornalismo e Comunicação e Expressão Oral. Integra também o corpo docente do Curso de Pós-Graduação Especialização “Gestão de Processos de Comunicação”, da Unijuí, onde ministra o componente curricular “Mídia e Opinião Pública na Sociedade Contemporânea”. Ministra cursos de extensão e oficinas na área de Comunicação com o Público em toda a região noroeste do Estado do RS e coordena o projeto pedagógico *Comunicação Social Clube*, programa de rádio, do Curso de Comunicação Social, da Unijuí, junto à RTVE – Radio e Televisão Educativa Unijuí, onde atuou como coordenadora pedagógica de 2001 a 2005. Seu tema de pesquisa é o rádio de fronteira, sobre o qual defendeu a dissertação “O rádio de fronteira e o Mercosul” e agora prepara a tese “As representações das práticas culturais no rádio de fronteira na web”. Participa do grupo Mídia Sonora da Intercom e tem apresentado pesquisas na área do rádio regional nos Encontros Nacionais da Rede Alfredo de Carvalho, sendo que um destes trabalhos – *O rádio no momento de adeus ao mito Vargas* - faz parte da obra *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*, da Editora Garamond, organizada por Ana Baum. Integra o grupo de pesquisa Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças, em desenvolvimento junto ao PPGCOM/ UFRGS e faz parte do projeto Comunicação e Práticas Socioculturais no Mercosul, ambos coordenados pela Prof^a Dr^a Karla Maria Müller (representante da UFRGS no Comitê Acadêmico Mercosul Integração desenvolvido junto ao CAMI/ AUGM). Integra a Comissão de Ética da Unijuí e faz parte da Comissão Editorial da Revista *Formas e Linguagens* e do Comitê Editorial da Coleção *Linguagens*, editadas pela Editora Unijuí.

E-mail: verar@unijui.edu.br

